

PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUA IMPORTÂNCIA NA ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS¹

Lêda Corrêa²

Manuela Oliveira de Jesus³

Daniele Oliveira dos Anjos⁴

Resumo: A aprendizagem de uma língua estrangeira requer uma preparação rigorosa e progressiva das possibilidades de realizações sonoras mais próximas daquelas empregadas pelos usuários da língua-alvo de aprendizagem, o que implica o domínio de esquemas acentuais e entonativos de palavras e frases. Desse modo, o desenvolvimento formal da pronúncia do Português Brasileiro (PB), enquanto língua estrangeira (PLE) pode ser aprimorado por meio da proposta de transcrição fonética apresentada na elaboração do Dicionário com Equivalência do Português Brasileiro e Espanhol Rio-Platense (DIPLE), que está sendo produzido pela equipe de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia (GIPLEX), sediado na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em parceria com pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Palavras-chave: Fonética, Lexicografia, Português Brasileiro (PB) e Português Língua Estrangeira (PLE).

Brazilian Portuguese pronunciation and its importance on the accomplishment of a Portuguese language dictionary for foreigners

Abstract: Learning a foreign language requires a progressive preparation of the possibilities of sound realization closer to those employed by users of the target language learning, which means the domain of accentual schemes and intoning words and phrases. This way, the formal development of the pronunciation of Brazilian Portuguese (BP) as a Foreign Language (PLE) can be improved through the proposed phonetic transcription made in the preparation of the “Dicionário com Equivalência do Português Brasileiro e Espanhol Rio-Platense” (DIPLE) being produced by “Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia” (GIPLEX) research team, located at the Universidade Federal de Sergipe (UFS) and at the “Pontifícia Universidade Católica de São Paulo” (PUC-SP).

Keywords: Phonetic, Lexicography, Brazilian Portuguese (BP) and Portuguese Foreign Language (PLE)

¹ O conceito de *pronúncia* define-se como “um conjunto dos hábitos articulatórios (realização dos fonemas, entonação etc) que conferem uma coloração particular, social, dialetal ou estrangeira à fala” (DUBOIS, 1991, p. 565).

² Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Núcleo de Pós-Graduação em Letras (NPGL), da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Língua Portuguesa. Coordenadora do Projeto *Formação docente e inovação tecnológica para o ensino-aprendizagem de Português como Língua Estrangeira (PLE)*, PNPD/CAPES/FAPITEC e líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia (GIPLEX). E-mail: leda-correa@uol.com.br

³ Mestranda do Núcleo de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe e membro do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia (GIPLEX). E-mail: manulisaoliveira@yahoo.com.br

⁴ Graduanda do Curso de Letras/Português, da Universidade Federal de Sergipe e membro do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia (GIPLEX). E-mail: dani_danjos@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO⁵

O vocabulário constitui um dos elementos linguísticos fundamentais para o aprendizado de uma língua estrangeira e, por isso pode ser considerado como principal desencadeador da produção lexicográfica bilíngue em geral. O DIPLE, ainda em fase de elaboração, é um dicionário bilíngue, cujo diferencial em relação aos demais dicionários dessa natureza, produzidos no Brasil, consiste na sua proposta intercultural, que orienta a construção expandida das acepções vocabulares, facilitando ao aprendiz de PLE o aprendizado do significado vocabular, com as marcas socioculturais de uso da variedade brasileira da língua portuguesa. Não utilizamos, desse modo, as definições tautológicas, nas quais não ocorre a expansão dos conteúdos definitórios dos vocábulos, típicas dos dicionários bilíngues, por exemplo: Casa → *habitação, lar, moradia*. Em lugar disso, temos no DIPLE, uma das acepções: Casa → *construção de alvenaria ou outro material, de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação*, que possibilita ao consulente estrangeiro (re) construir e expandir seus conhecimentos de mundo, a partir da conjugação entre o seu foco de cultura e o da língua-alvo.

A orientação intercultural do DIPLE também delimita a opção pelo uso da variedade brasileira do Português presente noutros níveis da língua, dentre os quais destacamos o nível fonético. Sabe-se que o Brasil é um país de dimensão geográfica continental e seu processo de colonização e povoamento foi rico em influências de contato com outras línguas, cuja resultante foi, dentre outras, a alta variação linguística no nível da pronúncia, por excelência. Contudo, postulamos, de acordo com Arendt (1995), que toda e qualquer diferença não existe sem a noção de unidade, que, por sua vez, precisa ser compreendida sob a perspectiva do espaço imaginário como aquele onde uma sociedade se constrói e se espelha.

Segundo Castoriadis (1982), cada sociedade constitui o seu simbolismo, que não se explica apenas pelas tensões históricas do real e do racional, mas se funde com nossa racionalidade e a fecunda, respondendo, não raro, às indagações de uma identidade

⁵ Este artigo é a realização de resultados parciais de um projeto mais amplo *Formação docente e inovação tecnológica para o ensino-aprendizagem de Português como Língua Estrangeira (PLE)*, financiado pelo PNPd/CAPES e pela FAPITEC, em desenvolvimento por pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Lexicologia (GIPLEX), do Núcleo de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a coordenação geral da Profa. Dra. Lêda Pires Corrêa. Esse projeto prevê, dentre outras metas, a elaboração de um dicionário com equivalência entre o Português Brasileiro e o Espanhol Rio-Platense (DIPLE). A etapa da pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida em parceria com a equipe de pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a coordenação da Profa. Dra. Jeni Silva Turazza.

coletiva. Nesse sentido, o jogo entre o simbólico e o fazer resulta na instituição imaginária da sociedade, que, tanto pode direcionar para uma identidade de pronúncia idiomática, como ocorreu com a imposição do dialeto carioca pelo Estado brasileiro, quanto para uma pronúncia estandardizada, que não decorre de uma decisão oficial, um decreto ou uma lei, mas de uma conjunção de fatores que só se explicam por uma perspectiva multidisciplinar.

Sob esse enfoque, a descrição dos sons nas gramáticas brasileiras tradicionais, segundo a NGB, realizada a partir do referencial carioca, a despeito das demais variações de pronúncia, explica a identidade idiomática. Já, a pronúncia estandardizada decorre da eleição de uma norma de pronúncia, à qual os diferentes grupos sociais atribuem maior grau de prestígio social, independente da força do poder estatal, mas dependente de outros fatores sociais, por exemplo, das tecnologias da informação.

Segundo Silveira (2008), a construção simbólica de uma *pronúncia idiomática*, imposta politicamente, difere dos processos por onde se dá a construção da *pronúncia estandardizada*, que requer uma visão multidisciplinar para “diferenciar o que é selecionado e imposto pelo poder político como idioma do que é selecionado como grau *ótimo* pela preferência nacional” (SILVEIRA, 2008, p. 19). Considerando o DIPLE como um suporte para o ensino de PLE, e entendendo que os dicionários bilíngues utilizam nas transcrições fonéticas de seus vocábulos em português uma pronúncia idiomática, propomos para o DIPLE a transcrição fonética de uma pronúncia estandardizada do PB, com base nos resultados de pesquisa propostos por Silveira (1998), apresentados no item 2 desse artigo.

Sob essa perspectiva, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos da referida autora para procedermos à proposta de transcrição fonética dos vocábulos do DIPLE, que demandou, de nossa parte, juntamente com a equipe de pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), ajustes na utilização do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) para o atendimento das transcrições da norma padrão *standard*, uma vez que em suas transcrições Silveira (1982, 2008) utiliza outro alfabeto fonético resultante da Convenção Brasil-Portugal, de 1958, que julgamos menos adequado aos propósitos de divulgação internacional do DIPLE, tendo em vista a baixa circulação desse alfabeto no cenário mundial.

Os ajustes realizados exigiram pesquisa comparativa entre as transcrições da norma padrão *standard* propostas por Silveira (2008) com a utilização do Alfabeto Fonético da Convenção Brasil-Portugal e as transcrições de Silva (1999) com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Dessa comparação, análise e síntese, propusemos as realizações sonoras da pronúncia estandardizada do PB pela aplicação do Alfabeto Fonético Internacional.

Nesse contexto, evidencia-se a relevância de iniciativas capazes de minimizar o problema da descrição do Português Brasileiro, com o intuito de incentivar a produção de tecnologias, como gramáticas, dicionários e manuais didáticos, que singularizem a norma brasileira de realização da Língua Portuguesa para o ensino-aprendizagem dessa variedade para o público estrangeiro, sobretudo entre os países signatários do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), cujas línguas oficiais são o português e o espanhol. Desse modo, o DIPLE representa uma iniciativa brasileira importante não só pela construção de um produto tecnológico, que pode funcionar como apoio didático para o ensino-aprendizagem de PLE, mas também pela contribuição ao desenvolvimento de uma política linguística de expansão da variedade brasileira na América Espanhola.

2 PRONÚNCIA ESTANDARDIZADA E SUA IMPORTÂNCIA NA ELABORAÇÃO DO DIPLE

Todo lexicógrafo deve optar por um padrão de pronúncia na transcrição fonética das entradas vocabulares de um dicionário bilíngue. Na “lexicografia bilíngue do português e do alemão [...] as obras mais novas surgiram apenas na forma de dicionários de bolso, que, aliás, em sua totalidade, refletem a pronúncia europeia” (NOLL, 2008, p. 28). Os dicionários monolíngues, por sua vez, não apresentam, via de regra, transcrição fonética, realizam somente indicações acerca da abertura ou fechamento das vogais tônicas.

Frente a isso, a transcrição fonética da pronúncia brasileira revela-se como uma iniciativa importante para a promoção e difusão dessa variedade no cenário internacional. Dada a proposta do DIPLE, no tocante à política linguística de expansão do PLE, na variedade brasileira, e de vocábulos equivalentes em espanhol, na variedade rio-platense, a busca de uma norma de pronúncia padrão *standard* do PB afigurou-se como uma decisão premente.

Nesse sentido, a opção por um pronúncia estandardizada do PB baseou-se nos resultados da pesquisa realizada por Silveira (1998), com informantes brasileiros e falantes de outras línguas em estado de interlíngua, que se encontravam em exposição ao português brasileiro. Tais informantes ouviram uma série de gravações com diferentes variedades (padrão gramatical normativo, padrão real e padrão nativo) e com diferentes variedades/variações geográficas e sociais, compreendendo, dentre outras, a pronúncia de contadores de casos, cantores sertanejos e de outras músicas populares brasileiras, apresentadores de noticiários locais e nacionais, políticos etc., que, após várias sessões de audição, indicaram qual pronúncia consideravam a “melhor” e que teriam como expectativa adquirirem. A maioria dos informantes atribuiu grau *ótimo* à pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo. Segundo a autora, esse resultado criou um novo problema a ser investigado: por que a pronúncia dos apresentadores da TV Globo foi eleita entre as demais?

Frente a essa nova ordem do problema, foram realizadas várias gravações e transcrições dessa pronúncia eleita pelos informantes. Os resultados indicaram que há uma complexidade para a caracterização de uma pronúncia identitária brasileira, avaliada com grau *ótimo*, como variedade de prestígio e unidade imaginária na diversidade de variações linguísticas brasileiras, pois ela só pode ser descrita e explicada por diferentes prismas teóricos interrelacionados.

Sob o prisma linguístico, Silveira (1982) afirma que os traços da pronúncia do brasileiro estão fixados nas bases articulatórias e na frequência de uso, resultantes do cancelamento de variações individuais e/ou grupais. Essas bases são hábitos articulatórios adquiridos pelos falantes, cuja frequência de uso representa normas individuais (idioletos), grupais, regionais e nacionais.

Do ponto de vista cognitivo, considera-se conforme Denhière e Baudet (1992) dois tipos de representação cognitiva: a representação mental ocorrente e a representação mental-tipo. No plano fonético, as variações individuais e grupais de pronúncia funcionam como ocorrências sonoras na comunicação. As representações mentais-tipo são estruturas de memória persistentes relativas a padrões de pronúncia. A pronúncia do “globês”⁶ tem o poder de construir nos telespectadores representações sonoras-tipo que passam a caracterizar cognitivamente aspectos de uma identidade nacional, graças ao seu grande foco de irradiação.

⁶ Designação atribuída à pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo.

No tocante ao prisma social, Heye (1990) acentua a sua importância no ensino da língua portuguesa pelo escalonamento de grupos sociais diferenciados pelo nível de escolaridade. Com esse procedimento, postula que o uso linguístico das classes sociais escolarizadas varia do padrão real ou oral ao padrão normativo ou escrito. Em termos da pronúncia, Silveira (2008) entende que é um fenômeno representativo da identidade desses grupos, prestigiando-os ou discriminando-os socialmente. Esse enfoque mantém estreita relação com o prisma ideológico, uma vez que as ideologias e as relações de poder não se manifestam fora da sociedade. Assim, uma língua se manifesta socialmente de muitas formas, embora não se isentem da atribuição valorativa de seus usuários. Em meio à diversidade da fala, há sempre um modo que representa o foco de irradiação linguística, sendo a ele atribuído maior prestígio social. Desse modo, os resultados propiciaram caracterizar

o 'globês' como uma pronúncia padrão que resulta do privilégio de certas bases articulatórias do paulistano, devido a seu prestígio, com o cancelamento de outras bases que são rejeitadas pelos telespectadores (SILVEIRA, 2008, p. 28).

Finalmente, no prisma idiomático, entende-se que há uma identidade linguística que reflete uma identidade nacional. O idioma pode ser concebido como um estado político e ideológico em que as instâncias de poder estabelecem um padrão fonético, a fim de controlar as variabilidades de pronúncia. Contudo, há uma diferença entre padrão idiomático e padrão estandardizado, que tem sido motivo de discussões das políticas linguísticas.

Calvet (2002, 2007) trata a padronização diferenciando dois modos de gestão linguística, aos quais denomina: *in vivo* e *in vitro*. Este último pode ser entendido como um modo de padronização imposta por ações interventoras do Estado, tal como ocorreu, segundo Oliveira e Corrêa (2008), no processo histórico de intervenção do Estado português, no Brasil, pela aplicação da Lei do Diretório por Marquês de Pombal, quando o uso e o ensino do português se fizeram aqui obrigatórios. O primeiro, *in vivo*, decorre da escolha popular, pela qual se definem e consagram-se modelos de uso, uma vez que as pessoas procuram seguir modelos privilegiados pela maioria dos grupos sociais. Tem-se, nesse caso, o desenho para a configuração de uma pronúncia estandardizada. Para Silveira (2008), essa pronúncia representa hoje uma

arquinorma⁷ televisiva, irradiada pela TV Globo, que resulta do largo alcance geográfico dessa rede de televisão e de sua aceitabilidade por parte dos telespectadores.

4 A TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO DIPLE

As transcrições fonéticas do DIPLE têm como base as representações sonoras da pronúncia estandardizada do PB. Em princípio, as referidas transcrições seriam pautadas no Alfabeto Fonético da Convenção Brasil – Portugal (CBP), em Silveira (1982, 2008), no entanto, posteriormente adotou-se o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), em Silva (1999), em face de sua ampla divulgação e utilização em vários dicionários (nacionais e internacionais), em gramáticas e em livros didáticos de português, bem como nos manuais de fonética produzidos no Brasil. Além disso, o IPA apresenta sinais diacríticos muito próximos da ortografia brasileira – o que contribui para uma rápida compreensão de seu uso.

Mediante permuta entre os alfabetos fonéticos, fez-se necessário realizar o processo de comparação/análise e diferenciação entre ambos, o que resultou na construção de uma tabela comparativa entre o Alfabeto Fonético da Convenção Brasil-Portugal (CBP) e o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), conforme a Figura 1 abaixo:

QUADRO COMPARATIVO ENTRE O CBP E O IPA			
CBP	IPA	Exemplo	Observações
[a]	[a]	Cala	Equivalentes
[ã]	[ã]	campo	Seguida de consoante nasal com apoio consonantal
[a]	[ɐ]	cama	Seguida de consoante nasal com apoio vocálico
[b]	[b]	bala	Equivalentes
[d]	[d]	dado	Equivalentes
[dʒ]	[dʒ]	dia	Antes da vogal anterior “i”
[ɐ]	[ɐ]	perto	Equivalentes
[e]	[e]	camelo	Equivalentes
[ẽ]	[ẽ]	contente	Equivalentes
[f]	[f]	faca	Equivalentes
[g]	[g]	gata	Equivalentes
[i]	[i]	igreja	Equivalentes

⁷ Norma de pronúncia do PB representativa da unidade imaginária em meio à diversidade de pronúncias, pelo grau de prestígio atribuído por diferentes grupos sociais.

[ɣ]	[ɹ]	pai	Conforme Silva (2008:74;75; 95) os ditongos são formados com os <i>glides</i> vocálicos [ɹ, ʊ]
[ĩ]	[ĩ]	fim	Equivalentes
[ɨ]	[ɨ]	hoje	Conforme Silva (2008: 71, 85, 86) as vogais póstonicas finais são [ɹ, ə, ʊ]. Utilizamos o diacrítico abaixo do segmento vocálico para indicar o desvozeamento (reduzida).
[ʒ]	[ʒ]	jaca/ garagem	Equivalentes
[k]	[k]	quero/ casa	Equivalentes
[l]	[l]	lata	Equivalentes
[ʝ]	[ʝ]	alho	Equivalentes
[m]	[m]	mala	Equivalentes
[n]	[n]	navio	Equivalentes
[ɲ]	[ɲ]	manha	Equivalentes
[ɔ]	[ɔ]	abóbora	Equivalentes
[o]	[o]	ovo	Equivalentes
[ɐ]	[ɐ]	ombro	Equivalentes
[p]	[p]	pata	Equivalentes
[r]	[h]	rata/carro	Posição silábica inicial e dígrafo ortográfico.
[r]	[r]	areia	Equivalentes
[s]	[s]	cebola/ salvar	Equivalentes
[t]	[t]	tatu	Equivalentes
[tʃ]	[tʃ]	tia	Seguido da vogal anterior "i"
[u]	[u]	uva	Equivalentes
[w]	[ʊ]	pau	Conforme Silva (2008:74; 75; 95) os ditongos são formados com os <i>glides</i> vocálicos [ɹ, ʊ]
[ũ]	[ũ]	Cunha	Equivalentes
[ʊ]	[ʊ]	Motivo	Conforme Silva (2008: 71, 85, 86) as vogais póstonicas finais são [ɹ, ə, ʊ]. Utilizamos o diacrítico abaixo do segmento vocálico para indicar o desvozeamento (reduzida).
[v]	[v]	Vaca	Equivalentes
[ʃ]	[ʃ]	Chá	Equivalentes
[z]	[z]	Casa	Equivalentes

Figura 1 Quadro comparativo entre o Alfabeto Fonético da Convenção Brasil-Portugal (CBP) e o Alfabeto Fonético Internacional (IPA)

A análise comparativa entre os referidos alfabetos possibilitou a elaboração da tabela que apresenta os símbolos fonéticos do IPA, em consonância com a pronúncia estandardizada do Português Brasileiro, utilizados na transcrição dos vocábulos do DIPLE, conforme Figura 2.

NORMA FONÉTICA ESTANDARDIZADA UTILIZADA NO DIPLE			
Símbolo	Transcrição ortográfica	Transcrição fonética	Observações
[a]	cala	[kalɔ]	Vogal aberta cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[ã]	campo	[kãpũ]	Vogal nasal seguida de consoante nasal sem apoio vocálico
[ə]	cama	[kəmə]	Vogal fechada tônica seguida de consoante nasal com apoio vocálico ⁸
[ɐ]	mala	[malɐ]	Vogal oral pós-tônica final, cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[b]	bala	[balɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[d]	dado	[dadũ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[dʒ]	dia	[dʒigrafũ]	Consoante linguoalveolar dental palatalizada quando seguida da vogal [i]
[ɛ]	perto	[pɛrtũ]	Vogal aberta cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[e]	camelo	[kamelũ]	Vogal fechada cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[ẽ]	contente	[kõũtẽĩtũ]	Vogal nasal seguida de consoante nasal com apoio consonantal. Ocorre a ditongação ou ditongo aparente.
[f]	faca	[fakɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[g]	gata	[gatɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[i]	igreja	[igreʒɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[ɹ]	pai	[paɹ]	Glide vocálico que ocorre na formação de ditongos e tritongos
[ĩ]	Fim	[fĩ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[ɨ]	hoje	[hoʒɨ]	Vogal oral pós-tônica final, cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB.
[ʲ]	ap'to/ 'sta	[ap'tũ]/['sta]	Ocorre em casos de encontro consonantal impróprio e/ou de "s" impuro
[ʒ]	jaca/ garagem	[ʒakɔ] [garaʒẽĩ]	Uniforme em todos os dialetos do PB

⁸ Em posição pré-tônica, mesmo que seguido de consoante nasal com apoio vocálico – [mamãĩtũ] – utilizar-se-á [a], conforme Silveira (2008, p. 151).

[k]	quero/ casa	[kɐrɔ] [kazɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[l]	lata	[latɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[w]	palmas	[pawmɔs]	A vocalização do [l] predomina na maior parte do território brasileiro.
[ʃ]	alho	[aʃɔ]	Predomina na maior parte do território brasileiro.
[m]	mala	[malɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[n]	navio	[naviɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[ɣ]	manha	[mɔɣɔ]	Predomina na maior parte do território brasileiro.
[ɔ]	abóbora	[abɔbɔrɔ]	Vogal aberta, cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[o]	ovo	[ovɔ]	Vogal fechada, cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[ɐ]	ombro	[ɔɐbrɔ]	Vogal nasal seguida de consoante nasal sem apoio vocálico. Ocorre a ditongação ou ditongo aparente.
[p]	pato	[patɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[h]	rata/carro	[hatɔ] [kahɔ]	Ocorre em contextos de início de sílaba ou dígrafo ortográfico
[r]	Aracaju/ mar/ parte	[arakaʒɔ] [mar] [partʃɔ]	Ocorre em contexto de “r” intervocálico, final de palavra e/ou final de sílaba
[s]	cebola/ salvar/ pássaro	[sebolɔ] [sawvar] [pasarɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[t]	tatu	[tatɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[tʃ]	Tia	[tʃiɔ]	Consoante linguoalveolar dental palatalizada quando seguida da vogal [i] ⁹
[u]	uva	[uvɔ]	Vogal fechada, cuja ocorrência apresenta-se uniforme em todos os dialetos do PB
[ɥ]	pau	[paɥ]	Glide vocálico que ocorre na formação de ditongos e tritongos
[ũ]	tumba	[tũbɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[ɯ]	motivo	[motʃivɯ]	Vogal oral pós-tônica final
[v]	vaca	[vakɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[ʃ]	chá	[ʃa]	Uniforme em todos os dialetos do PB
[z]	casa/ zebra	[kazɔ] [zebrɔ]	Uniforme em todos os dialetos do PB

Figura 2: Quadro representativo da norma fonética utilizada nas transcrições do DIPLE.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dicionários e as gramáticas constituem aparatos tecnológicos indispensáveis ao ensino-aprendizagem das línguas em geral, e de PLE, em particular. Conceber a

⁹ A palatalização de [t] e [d] antes de [i] ocorre na maior parte do território brasileiro, conforme Noll (2008, p. 66)

língua portuguesa como língua estrangeira implica assumir certo distanciamento dos modos de seu funcionamento estrutural e unidisciplinar, visto que a norma representativa de um grupo ou de uma nação revela-se no uso cotidiano da língua em diferentes práticas discursivas, facultando-lhe um tratamento multidisciplinar, pelo qual se conjugam vários prismas teóricos. Sob essa ótica, é possível considerar no plano fonético a existência de uma pronúncia brasileira distinta das demais pronúncias de outros países lusófonos.

Frente a esse quadro, a questão da idiomatidade se apresenta como indispensável para o reconhecimento de padrões da pronúncia brasileira, uma vez que ela orienta os modos de percepção sonora do idioma na contemporaneidade. A idiomatidade torna possível a proposição de uma arquinorma, que não se confunde com a norma institucionalizada por instâncias do poder estatal.

Nesse contexto, o modelo de transcrição fonética proposto confere ao DIPLE uma singularidade no rol das publicações de dicionários destinados a utentes estrangeiros e contribui para a concretização de uma planificação linguística de expansão do Português como Língua Estrangeira (PLE) em território dos países signatários do MERCOSUL.

REFERÊNCIAS

- ARENDET, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DUBOIS, Jean. *et al.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola, IPOL, 2007.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística – uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- DENHIÈRE, G. & BAUDET, S. **Compréhension de texte et science cognitive**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- HEYE, J. A importância da sociolinguística no ensino da língua portuguesa. In: MELLO, L.A. (org.) **Sociedade, culturas e língua – ensaios de sócio e etnolinguística**. FUNAPE: UFPB, 1990.
- NOLL, Volker. **O português brasileiro – formação e contrastes**. São Paulo: Globo, 2008.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de & CORRÊA, Lêda Pires. Percursos do ensino de leitura: do catecismo aos PCN. In: ARAUJO, M. I. O. & OLIVEIRA, L. E. (orgs.) **Desafios da formação de professores para o século XXI: O que deve ser ensinado? O que deve ser aprendido?**. Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2008.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999 [1998].

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Estudos de fonética do idioma português**. São Paulo: Cortez, 1982.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. A pronúncia e a questão da idiomaticidade no ensino do português brasileiro. In: AGUILERA, V. A. (org.) **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: Editora da UEL, 1998.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Uma pronúncia do português brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.